



A cultura afro-brasileira encantando a educação física escolar

Patrícia Granato

Professora licenciada em Educação Física (UFPR), especialista em Educação Física Escolar (PUC-PR) e em Educação Especial e Inclusiva (UP). Atua na Escola Municipal Arapongas.

E-mail: patigranato@yahoo.com.br

Veridiana Dallarmi Pellanda

Professora licenciada em Educação Física (PUC-PR) e Especialista em Educação Física Escolar (UFPR). Atua na Escola Municipal Maringá.

E-mail: veridallarmi@yahoo.com.br

RESUMO

A lei nº. 10.639/03 instituiu o ensino da cultura africana e afro-brasileira dentro das escolas do Brasil, mas ainda há dificuldades para que a lei seja cumprida de forma satisfatória. Logo, é necessário trabalhar com a cultura afro-brasileira em todas as disciplinas escolares, inclusive na Educação Física, por ser um conteúdo significativo e pouco explorado no ambiente escolar. O trabalho tem por objetivo possibilitar o contato com a cultura afro-brasileira a fim de conhecer a origem, os valores e a cultura negra enfatizando o quanto dessa cultura está presente em nós, nos conteúdos da Educação Física e em nossa sociedade.

Palavras-chave: educação física, cultura afro-brasileira.



INTRODUÇÃO

Após vários anos de muita luta dos movimentos organizados, desde 2003 os estudantes brasileiros contam com o direito ao ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar da educação básica, por meio da Lei nº. 10.639. Porém, uma década depois, ainda há dificuldades para que a lei seja cumprida de forma satisfatória. Muitas vezes, o ensino fica relegado a escassas apresentações de dança ou à criação de elementos de artes, durante o “Dia da Consciência Negra”, 20 de novembro.

O problema está no fato de que, para trabalhar vários elementos de uma cultura tão rica, não se pode cair no senso comum e proporcionar contato apenas com as manifestações mais conhecidas pelos professores, pois isso não acarreta o trabalho pedagógico permanente com essa cultura, assim como pode dificultar uma aprendizagem significativa dos educandos.

Segundo o material da Cor da Cultura há várias sugestões de caráter geral para se trabalhar na educação básica. É proposto que:

Na Educação Infantil, tempo dos primeiros passos na vida social, seria importante semear atitudes positivas e, pela via do lúdico e do afeto, estimular o contato, a admiração, o encanto pela estética e pelo imaginário africano e afro-descendente. Brincadeiras e brinquedos, cantigas e muita “contação” de histórias que falem, lembrem e se refiram ao mundo negro servirão como meios para romper ou evitar que se construam barreiras e preconceitos. Nas séries iniciais do Ensino Fundamental, podem-se introduzir temas da cultura africana e afro-brasileira também através de lendas, contos, cantigas, brincadeiras, mas já inserindo mais aspectos de conteúdo histórico.” (LIMA, p. 48, 2006)

A identidade brasileira se formou por meio da miscigenação de várias etnias, embora por muito tempo as manifestações culturais dos diferentes povos tenham sido ignoradas dentro do ambiente escolar. A partir desta situação, é importante observar os critérios dados pelo Ministério da Educação para as escolas trabalharem a história e a cultura afro-brasileira: “[...] promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas rumo à construção de nação democrática” (BRASIL, 2003, p. 31).

Logo fica clara a necessidade de se pensar numa proposta de trabalho dentro das escolas que proporcione aos estudantes uma formação crítica e autônoma a respeito do assunto, uma vez que a escola sempre reflete os conflitos e contradições presentes na sociedade.

Para que o educando tenha um desenvolvimento adequado aos pressupostos da própria lei, é necessário que ele seja estimulado durante a vida escolar para conhecer e aprimorar suas habilidades e capacidades como um todo. Para tanto, deve ter a oportunidade de vivenciar o maior número de experiências cognitivas e corporais da melhor maneira possível.

Neste sentido é que se ressalta a importância de se trabalhar com a cultura afro-brasileira em todas as disciplinas do currículo, inclusive na Educação Física, tendo em consideração que tal cultura caracteriza-se como um conteúdo significativo e ainda pouco explorado no ambiente escolar. Porém, por falta de conhecimento por parte dos profissionais ou por ser mais cômodo trabalhar com os conteúdos que dominam, os profissionais acabam ignorando o ensino da cultura afro-brasileira no currículo da Educação Física.

É importante destacar que todas as práticas da cultura corporal, objetivo da Educação Física, possuem expressividade e são identificadas como formas de representação simbólica da realidade vivida pelo ser humano, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas.

Por isso, a questão que norteia esse trabalho é: como a cultura afro-brasileira pode ser trabalhada pedagogicamente na Educação Física por meio de jogos, danças e lutas?

O trabalho tem por objetivo possibilitar o contato com a cultura afro-brasileira a fim de conhecer a origem, os valores e a cultura negra enfatizando o quanto dessa cultura está presente em nós, nos conteúdos da Educação Física e em nossa sociedade. Além de propiciar o conhecimento e a valorização da cultura negra como um dos elementos formadores da cultura brasileira, a partir do contato com jogos e brincadeiras de origem africana, como os jogos de rua – que remetem à representação de animais da fauna africana – e os jogos intelectivos, como a mancala; proporcionar práticas de dança, explorando os movimentos e ritmos afro-brasileiros; oportunizar a prática da capoeira, levando em consideração a sua origem, evolução, princípios, fundamentos e movimentações básicas; identificar nas práticas culturais desenvolvidas possíveis similaridades e diferenças com o contexto sociocultural dos estudantes; e promover atitudes de respeito em relação ao outro e à diversidade humana.

DESENVOLVIMENTO

Foi na África, há milhões de anos, que apareceram os primeiros ancestrais da humanidade que partiram para povoar a Europa e a Ásia, segundo Gentile (2005). Lá, também foram encontrados os primeiros

centros culturais de que se tem registro, ressaltando a capacidade deste povo em diferentes técnicas, que muito contribuíram para nossa vida. A África, de acordo com Nascimento (2006, p.35):

tem sido o palco de alguns dos maiores avanços tecnológicos da história, entre eles a prática agrícola, criação de gado, mineração e metalurgia (do cobre, o bronze, do ferro, do aço), o comércio, a escrita, a arquitetura e engenharia na construção de grandes centros urbanos, a sofisticação da organização política, a prática da medicina e o avanço do conhecimento e da reflexão intelectual.

Porém, ao se falar do povo negro nada disso é considerado e a realidade que é apresentada se resume à miséria, à doença, à guerra e à escravidão. Biologicamente, todos os seres humanos são semelhantes, o que muda são as diferenças físicas, as quais não interferem na capacidade intelectual do indivíduo (GENTILLE, 2005). Entretanto, por muitos anos essa perspectiva não era aceita pela população branca que dominava a sociedade e, por esse motivo, a cultura negra virou sinônimo de inferioridade.

Em função disso, a historiografia e a educação brasileira passaram a reconsiderar os conteúdos históricos e a oferecer subsídios para que os estudantes compreendam que a cor da pele não interfere no caráter e não caracteriza inferioridade ou superioridade cultural. Para descobrirem as várias culturas que formam a sociedade brasileira, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais indicam que:

precisa, o Brasil, país multiétnico e pluricultural, de organizações escolares em que todos se vejam incluídos, em que lhes sejam garantido o direito de aprender e de ampliar conhecimentos, sem ser obrigados a negar a si mesmos, ao grupo étnico/racial a que pertencem e a adotar costumes, ideias e comportamentos que lhes são adversos. E estes, certamente serão indicadores da qualidade da educação que estará sendo oferecida pelos estabelecimentos de ensino de diferentes níveis. (BRASIL, 2003, p. 18).

A grande dificuldade, segundo Sousa (2005, p.4) reside na ausência de disciplinas, cursos de formação inicial e continuada, materiais didáticos que ofereçam subsídios para os educadores trabalharem com a cultura afro-brasileira no currículo escolar.

Logo, o que se pretende é educar cidadãos que sejam capazes de distinguir as inúmeras situações equivocadas que ainda acontecem dentro do território brasileiro, educá-los para que aprendam a respeitar as diferenças e valorizar a riqueza cultural afro-brasileira, pois “os africanos que foram

escravizados no Brasil trouxeram consigo rituais de celebração, valores, linguagem, religiões, costumes, vestimentas, penteados, temperos, canções, danças, folhas, tambores variados, conhecimento científico (...), a história e a memória de seu povo” (SOUSA, 2005, p. 4) e esse conhecimento deve ser valorizado, transmitido, retransmitido e ressignificado.

Sendo assim, é necessário que todas as áreas do conhecimento trabalhem e enfatizem a cultura afro-brasileira em suas aulas. A Lei 10.639/03 que regulamenta a implantação tem como objetivo divulgar e produzir conhecimentos, atitudes, posturas e valores a fim de educar cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, à valorização da identidade cultural brasileira e africana, compreendendo assim a formação do povo brasileiro. Partindo desse pressuposto, pretende-se trabalhar a educação física escolar, utilizando os seus conteúdos como forma de contribuir para a difusão da cultura afro-brasileira.

Para desenvolver este projeto, foram selecionados três conteúdos da educação física que possuem elementos dentro da cultura afro-brasileira: jogo, dança e luta. Para iniciar as discussões acerca do tema foi apresentada a história em quadrinhos - “Negro: uma história de fé e samba no pé” sobre a importância da cultura afro-brasileira para todos nós, retirada do Livro Lições Curitibanas (1994). Após a conversa sobre a história, muitas questões foram levantadas em relação ao racismo, à valorização do negro em nossa sociedade e às contribuições para a cultura brasileira. Perguntou-se sobre quem tem negros ou índios na família e vários estudantes se manifestaram sem se sentirem envergonhados.

Após essa conversa inicial, procedeu-se ao trabalho com os jogos africanos. O jogo, segundo o Coletivo de Autores (1992), é uma invenção do homem, um ato em que sua intencionalidade e curiosidade resultam num processo criativo para modificar, ima-

ginariamente, a realidade e o presente. Prista, Tembe e Edmundo (1992) afirmam que o jogo possui múltiplas funções. Ele pode ser comunicação e interiorização de normas e convivência, diversificação dialética de tensões e distensões comportamentais, pode ser usado para libertação ou adestração do corpo.

O primeiro jogo trabalhado foi a da *Mamba* (Figura 1). Um aluno representa a Mamba, serpente africana muito venenosa, e os demais devem fugir dentro de um espaço limitado. Quem for pego passa a fazer parte da serpente, devendo segurar na cintura do colega e correr junto para pegar. Os alunos associaram essa brincadeira com a “mãe corrente”, conhecida na cultura brasileira.



Figura 1 - Jogo mamba

Outro jogo trabalhado foi o *Mbube* (jogo originário de Gana). Mbube significa “Leão que deve perseguir o Impala”. A formação é um grande círculo, onde todos ficam batendo palmas e o Leão deve perseguir o Impala passando por entre os colegas. Após a conversa, este jogo foi associado com o gato e rato, muito praticado aqui no Brasil.

Na mesma aula foi realizado o jogo da *Serpentinha* (figuras 2 e 3), originária do Zimbábue. Os alunos, em duplas, devem dançar ao som de um ritmo local (utilizou-se, aqui, o pandeiro) e, quando a música parar, devem pegar a sua serpentinha (pedaço de pano); quem ficar sem o pano deve procurar outro colega para formar uma nova dupla.



Figura 2 e 3 - Jogo Serpentina

Como avaliação, os alunos deveriam relacionar as atividades com o nosso contexto social e não tiveram dificuldades de encontrar as brincadeiras similares. Em um segundo momento, eles recriaram os jogos com novas regras. Tiveram várias ideias interessantes, como colocar mais de um leão em uma brincadeira, várias mambas em outra, tirar o leão da roda e todos serem os impalas, entre outras.

“Na aula de Educação Física, nós tínhamos que fazer novas regras para os jogos africanos e meu grupo escolheu a mamba. Conversamos e a nova mamba estava pronta: teria duas serpentes e nós tínhamos que fugir pulando, se a serpente pegasse alguém e uma pessoa conseguisse tocar na pessoa que a serpente pegou, aquela pessoa poderia desgrudar da serpente e fugir correndo”. (P. G. M. – estudante do 4º ano E)

Outro jogo trabalhado foi *Escravos de Jó* (figura 4), um jogo muito tradicional que envolve ritmo, é conhecido por todos e tem suas raízes na cultura afro-brasileira. A origem deste jogo é bem diversa, retratando os escravos como “bens dóceis”, aqueles que ficavam dentro de casa, que deveriam ter muita paciência, assim como o personagem bíblico Jó. Num primeiro momento, os alunos praticaram o jogo com objetos, passando-os de mão em mão, trocando com os colegas, sempre em roda, em grupos pequenos e depois com toda a turma.



Figura 4 – Escravos de Jó

Na sequência, com o auxílio da música, o jogo foi realizado com o corpo, fazendo gestos característicos a cada parte da música o que resultou em uma coreografia coletiva (figuras 5 e 6) – com esta atividade foi possível trabalhar as questões do jogo e da dança.



Figuras 5 e 6 - Escravos de Jó corporal

“Gostei do jogo Escravos de Jó. Ele é um jogo de rapidez e raciocínio. Pode ser jogado com tampinhas de garrafas, copos, pedras. Enquanto as pessoas cantam vão passando o que estiver na mão para seu colega do lado.” (M. V. da S. –estudante do 5º ano C).

“O jogo Escravos de Jó foi muito legal, pois fez com que todos tivessem criatividade. No grupo não era só uma pessoa que tinha ideias, então aprendi que se ouvirmos os outros podemos aprender mais”. (G. L. – estudante do 5º ano E).

“Nós modificamos o jogo do jeito original e ficou muito legal e muito interessante”. (E. N. O. – estudante do 4º ano E).

Por último, foi apresentado o *Jogo Litoti* (figuras 8 e 9), jogo que se baseia em construir e destruir, no qual os jogadores devem proteger os construtores da equipe enquanto os destrutores tentam demolir a construção das caixas. Por ter a característica do arremesso, muitos alunos compararam o Litoti com o jogo do caçador/queimada, jogo tradicional de nossa cultura, que em cada região do país assume diferentes nomenclaturas, como: Barra Bola, Bola Queimada, Cemitério, Mata-mata, Mata-soldado, Queimado, Caçador no estado do Paraná e Rio Grande do Sul, Carimba no estado do Ceará, Baleado no estado da Bahia.³

Em pequenos grupos, os alunos recriaram os movimentos, utilizando diferentes formações, o que proporcionou coreografias muito criativas e interessantes (figura 7).



Figura 7 - Criação de coreografias em grupo, a partir do jogo Escravos de Jó

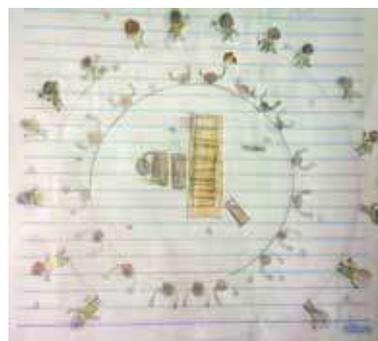


Figura 8 e 9 - Jogo Litoti (representação por meio de foto e desenho)

Como avaliação a cerca dos jogos trabalhados, foi proposto o registro do jogo que mais gostaram ou o que mais chamou a atenção. Os jogos retrataram a fauna africana e a alegria da brincadeira escravos de Jó.

Para finalizar o trabalho com jogos, foi escolhido um jogo intelectual: a *Mancala* (figuras 10 e 11). Jogo de origem africana que possui profundas raízes filosóficas.

É jogado, habitualmente, com pequenas pedras ou com sementes. A movimentação das peças tem um sentido de “semeadura” e “colheita”. Cada jogador é obrigado a recolher sementes (que neste momento não pertencem a nenhum dos jogadores), e com elas semear suas casas do tabuleiro, mas também as casas do adversário. Seguindo as regras, em dado momento o jogador faz a “colheita” de sementes, que passam a ser suas. Ganha quem mais sementes tiver no final do jogo. É um jogo em que não há sorte envolvida, mas exclusivamente raciocínio lógico e matemático.

As regras básicas: são jogados por duas pessoas, uma em frente à outra; antes de começar o jogo, o mesmo número de sementes é distribuído em cada uma das cavidades do tabuleiro; os jogadores se alternam para jogar, distribuindo as sementes da cavidade escolhida, uma a uma, no sentido anti-horário, nas cavidades subsequentes; a partida termina quando restam poucas sementes para o jogo continuar ou quando resta apenas uma semente em cada lado; ganha quem tem o maior número de sementes dentro do seu celeiro.⁴

Para construir o tabuleiro de jogo, solicitou-se que os alunos trouxessem caixas de ovos vazias. Em seguida, pintaram as caixas da maneira como quiseram. Para representar as sementes, utilizou-se massa de modelar colorida, fazendo pequenas bolinhas com elas (mas também utilizamos grãos de feijão e milho para representar as pecinhas do jogo).



Figura 10 e 11 - Construção do tabuleiro de Mancala e o Jogo da Mancala acontecendo

Sendo assim, a partir do trabalho com os jogos africanos, os alunos puderam ter contato com a cultura afro-brasileira e de práticas corporais e intelectivas que os possibilitassem perceber o quanto uma cultura está ligada à outra (Brasil-África).

Na sequência, iniciou-se o trabalho com a dança, enfatizamos o Maculelê. Os estudantes assistiram vídeos com apresentações de Maculelê e foi trabalhada a origem e as lendas que cercam esta dança. Na prática, experimentaram as batidas dos bastões, o ritmo destas batidas, vivenciaram os movimentos característicos da dança e puderam criar em duplas seus próprios movimentos, que foram apresentados numa grande roda.



Figura 12 e 13 - Criação de movimentos do Maculelê

⁴ <http://www.jogos.antigos.nom.br/mancala.asp>

Para registrar os momentos da prática desta dança guerreira fizeram desenhos, representando alguns movimentos criados (figuras 14 e 15).



Figura 14 e 15 - Desenhos elaborados sobre o Maculelé

Para finalizar o projeto, partiu-se para a Capoeira: a luta brasileira criada pelos negros no período da escravidão. Esta manifestação cultural brasileira é uma modalidade de luta, mas também envolve o ritmo, a música e um gestual carregado de historicidade, que foi criado como forma de defesa contra os donos das fazendas e seus capitães do mato. Falcão (apud KUNZ, 1998, p. 55) define a capoeira como: “uma manifestação da cultura afro-brasileira que durante muitos anos foi condenada e proibida pelo poder constituído. (...) Pode ser vista como um misto de jogo, arte, luta dança e folclore que vem, sistematicamente, se incorporando à lógica desportiva”.

É uma luta recheada de ritmos, gestos, intenções e de história, portanto a “Educação Física brasileira precisa, assim, resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com a sua historicidade, não desencarná-la do movimento cultural e político que a gerou” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 76).

Como é possível observar, a capoeira é apenas um dos elementos da Educação Física escolar que traz de forma rica vários aspectos da cultura afro-brasileira. Essa é mais uma razão para que o trabalho seja bem estruturado dentro deste ambiente e, em especial, com a Educação Física, para contribuir no ensino da cultura afro-brasileira de forma consistente e marcante para os educandos.

Para contextualizar o assunto foi passado para os estudantes um filme (curta) chamado **Maré Capoeira**. Depois, em grupos, solicitou-se que escrevessem o que sabiam da Capoeira, colocando a opinião e a visão que tinham sobre esta luta e sua história. Em outra aula, com as informações obtidas nos grupos, montou-se coletivamente um cartaz separando os dados fornecidos, como: instrumentos, movimentação, história e curiosidades.

Além das aulas práticas, os estudantes tiveram uma vivência com um professor de capoeira e alguns de seus alunos, podendo assim conhecer mais sobre os elementos desta modalidade, os instrumentos e participar da roda de capoeira.



Figuras 16 e 17 - vivência com um professor de capoeira

Para encerrar o trabalho foi solicitado aos estudantes que escrevessem sobre o que haviam aprendido com o projeto, suas sugestões, críticas e o que haviam mais gostado. Seguem os textos de alunas do 5º ano que representam um pouco do que foi trabalhado, pois juntamente com as aulas práticas, sempre havia momentos de conversa; reflexão sobre o papel do negro, sobre o quanto uma cultura estava ligada à outra (africana e brasileira) e sobre o racismo.

“O trabalho que a minha classe fez nas aulas de Educação Física foi muito legal. Achei maneiro fa-

zer coisas da minha origem negra, estou muito feliz que a minha classe também tenha gostado e respeitado muito isso. Esse trabalho significou muito pra mim que sou negra, significou que houve muito carinho por parte dos meus colegas, por exemplo: respeitar e ter paciência com quem não sabia quase nada. Foi maravilhoso porque ninguém nunca me respeitou quando era para fazer trabalho dos negros. Isso influenciou muito a minha classe com respeito, educação e não discriminar ninguém por causa da cor.” (V. C. da Rosa - estudante do 5º ano C.).

“Na minha opinião, achei muito legal que a professora tenha passado esses jogos africanos maravilhosos. A brincadeira que eu mais gostei foi Escravos de Jó, a professora até mandou a gente fazer uma coreografia para a música. Também achei bacana o litoti, mamba, mancala, serpentinha e outras coisas mais como a capoeira. Significou muito pra mim que a professora tenha falado sobre esse assunto, pois metade da minha família é descendente de africano como eu. Isso ajudou bastante toda a escola por causa da discriminação. Independente da pessoa ser negra ou branca pode surgir uma grande amizade.” (M. V. da S. - estudante do 5º ano B).

“Gostei muito do projeto **A cultura afro-brasileira encantando a Educação Física**. Aprendemos muitas brincadeiras como: litoti, mbube, mamba, serpentinha e escravos de Jó. Aprendemos um pouco também sobre o maculelê e a capoeira. O maculelê é uma lenda que surgiu de um guerreiro que defendeu sua tribo com dois pedaços de pau. Já a capoeira foi inventada pelos escravos que queriam se defender do capitão-do-mato e dos senhores de engenho. Mas para eles não percebessem que estavam treinando uma luta, disfarçaram como uma dança, usando instrumentos e a ginga. Então isso que eu aprendi.” (G. M. B. - estudante do 5º ano D).

CONSIDERAÇÕES

Desde que a lei 10.639/03 tornou obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira foi lançado um desafio aos educadores, porém estes não receberam subsídios adequados para colocá-la em prática de forma adequada.

É necessário e fundamental que se reveja essa prática e se valorize o trabalho com a cultura afro-brasileira em todas as disciplinas, inclusive na Educação Física, pois é um conteúdo significativo, que contempla a maioria dos eixos da disciplina e ainda pouco explorado no ambiente escolar.

Com o projeto, pôde-se observar que os estudantes participaram ativamente de todas as atividades propostas, sempre com dúvidas a respeito dessa cultura tão rica e jamais se recusaram a participar do que foi proposto. Verificou-se também a grande vontade de reelaborarem os jogos trabalhados e uma alegria imensa ao participarem da dança, maculelê, que encanta com um ritmo contagiante, assim como da capoeira. Os alunos também tiveram facilidade em comentar a similaridade dos jogos africanos com alguns da nossa cultura, conseguindo relacioná-los com o contexto no qual estão inseridos e aceitar que talvez os nossos jogos tenham sofrido influência direta da cultura africana.

Este projeto ampliou as relações entre os estudantes, modificou a visão que os alunos tinham em relação à África e ao negro, propiciou a aceitação de si mesmos (suas raízes) e do outro, além de perceber o quanto a cultura africana e a brasileira se complementam, desconstruindo ideias e mitos que há muito tempo eram ensinados sobre a cultura negra.

Ao finalizar o projeto com uma roda de conversa, ficou evidente a mudança do pensamento e da postura das crianças, alguns pediram que as atividades continuassem e outros deram relatos comoventes como este que segue: “Antes do projeto eu ouvia falar da África e pensava em escravidão, agora eu penso em alegria” (F. da S. S.-estudante do 5º E).

Com isso, os objetivos foram atingidos. O que foi trabalhado nas aulas certamente contribuirá para o futuro de nossos estudantes e na visão de que todos temos os mesmos direitos e merecemos as mesmas oportunidades. Respeitar o outro é respeitar-se, é acima de tudo exercer sua cidadania com qualidade como afirma Nelson Mandela: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, por sua origem ou por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.



Referências bibliográficas:

ALVARENGA, Mauro Celso Mendonça de. **Mancala, variantes e jogos assemelhados**. Disponível em: < www.jogos.antigos.nom.br/mancala.asp >. 05 agos. 2014.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2003.

BRASIL. **Educação-Africanidades**. Curso de Extensão a Distância para Professores da Educação Básica e Tutoria. Brasília: UNB, 2006.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREITAS, Jorge Luiz. **Capoeira infantil – jogos e brincadeiras**. 6. ed. Curitiba: Torre de Papel, 2003.

GENTILE, Paola. **África de todos nós**. Revista Nova Escola. São Paulo: Ano XX, nº187, p.42-49, Nov.2005.

KUNZ, Elenor (org). **Didática da Educação Física 1**. Ijuí: Unijui, 1998.

LIMA, Mônica. **Como os tantãs na floresta: reflexões sobre o ensino de História da África e dos africanos no Brasil**. in Saberes e fazeres, v.1 : modos de ver / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2006. 116p. : il. color. - (A cor da cultura).

MASSARANI, Mariana. **Berimbau mandou te chamar**. Rio de Janeiro: Manati, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. **Lições Curitibanas**. 3ª série, v. 1, 1994.

PRISTA, Antônio; TEMBE, Mussá; EDMUNDO, Hélio. **Jogos de Moçambique**. Lisboa: Instituto Nacional de Educação Física, 1992.

VIEIRA, Andréa Cristiane Soares. **Afro Contemporâneo: Benefícios e Influências**. Material Teórico do curso de dança, 2008.

SOUSA, Andréia Lisboa. **Valores afro-brasileiros na educação**. Boletim 22, Nov.2004. Ministério da Educação.

SANTOS, Leidiane Oliveira. **A História e Cultura Afro Brasileira e a Lei 10639/03**. PORTAL EDUCAÇÃO. Maio, 2012. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/12150/a-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-a-lei-10639-03#ixzz2AsliPDcu>> . Acesso em: 13 set. 2012.